

Ter esperança¹: o futuro presente²

Lidia Leonelli Langer³, Milão

Este trabalho trata a esperança como uma disposição da alma ao mesmo tempo ativa e passiva, orientada à realização de um fim e ao acolhimento de um futuro desconhecido, mas já presente enquanto potencialidade. Relaciona a esperança à posição de ativa passividade da condição de gravidez, na qual existe uma espera voltada a uma hospitalidade absoluta e, ao mesmo tempo, à posição de passiva atividade da condição intrauterina, experiência primária do infinito no finito, na qual o conteúdo transforma o continente quando somos esperados antes de saber esperar. Formas verbais latinas e hebraicas, assim como verbos e substantivos do hebraico bíblico referentes ao ato de ter esperança, vislumbram esta direção sugestiva. Por outro lado, surge a experiência de desespero em relação à condição de exílio e ao nascimento enquanto expulsão do continente uterino. Para que seja superada, exige a intervenção de um socorrista que, com a sua presença, ajuda a reorganizar a esperança e, através dela, encontrar a possibilidade de ação vital. A esperança, que sustenta a responsabilidade, leva à colaboração livre e criativa para a vida.

Palavras-chaves: Esperança; Ativa passividade; Continente/conteúdo; Futuro/presente; Realizado/ainda-não-realizado; Gravidez/vida intrauterina; Responsabilidade criativa; Desespero/exílio; Semiose afetiva

¹ N.T.: O verbo *sperare*, em italiano, significa “ter esperança”, e não “aguardar”. Por isso, para não deixar ambiguidades no texto em português, optou-se por traduzir sempre *sperare* como “ter esperança”, utilizando “aguardar” ou o substantivo “espera” nos demais casos.

² Reelaboração do trabalho apresentado no Congresso “*Oggi, la speranza?*”, publicado em: Corsa, R. (a cura di) *Oggi la speranza*. Atti del Convegno. Quaderni del Centro Milanese di Psicoanalisi. Nuova edizione online, n. 3, 2016.

³ Psicanalista. Membro efetivo e didata da *Società Psicoanalitica Italiana* (SPI) e da *International Psychoanalytical Association* (IPA).

O infinitivo⁴ futuro

Spero, promitto, juro [Esperança, promessa, juramento] sempre pedem o infinitivo futuro.

Assim indica a gramática do latim. Quando a estudei, na minha juventude, nunca me perguntei o porquê. Agora, porém, inspirada pelo título do congresso *Oggi, la speranza? Una contraddizione della contemporaneità* [Hoje, a esperança? Uma contradição da contemporaneidade], organizado pelo Centro Milanês de Psicanálise junto à Faculdade Teológica do Norte da Itália, lembro-me daquela regra e não posso deixar de questioná-la.

A esperança diz respeito ao presente ou ao futuro? E porque pede o infinitivo?

Uma breve reflexão gramatical forneceu-me pistas para reflexão, sobre as quais me debruçarei tentando não tornar o discurso mais pesado. De fato, acredito que a maneira através da qual uma língua está estruturada, com as suas regras e formas, contém um condensado da visão da vida dos povos nos quais ela foi se formando ao longo dos séculos, além de estar baseada na semiose afetiva que habita o inconsciente de cada um e de todos, devido à preservação da espécie e da cultura (Fornari, 1979).

Em latim, o infinitivo futuro é um tempo composto, tanto na forma ativa (*amaturum esse*: ter de amar) quanto na forma passiva (*amatum iri*: ter de ser amado), mas literalmente significa ser movido, mover-se para ser amado. *Iri* é o infinitivo passivo do verbo *eo* (ir) que, mesmo sendo um verbo intransitivo, é posto no passivo e associado ao supino ativo em *um*, geralmente utilizado no complemento do movimento de ida ou nas proposições finais, para expressar intenção e escopo, sendo igual no particípio passado ativo (Piazzino & Fragonara, 1985).

Portanto, a forma verbal do infinitivo futuro latim parece nos falar do paradoxo pelo qual ativo e passivo estabelecem contato em um presente que está em movimento e voltado para um fim, do qual participamos e em que se encontra contido também o passado da história que nos precedeu. Ao mesmo tempo, parece dizer que a realização perfeita de uma potencialidade atual já está presente enquanto esperança, promessa e juramento. Talvez a coincidência de passado, presente e futuro, de ativo e passivo, os quais encontramos em certas formas da sintaxe latina, comunique, sem explicitar, a nossa condição humana. Ela diz algo não plenamente expressável, mas possível de intuir: o que é e será presente também será

⁴ N.T.: Em italiano, a palavra utilizada é sempre a mesma, *infinito*, tanto para indicar o “infinito” quanto para se referir ao modo verbal do “infinitivo”.

completado no futuro, mas, de forma paradoxal, é o que já está acontecendo agora.

Enquanto refletia sobre o assunto e tentava expressá-lo, eu enxergava ao fundo a figura de Abrão que se põe em marcha (Gênesis 12, 1-3) e cujo movimento é iniciado por uma esperança apoiada em uma promessa, a qual o faz ir em direção a um futuro desconhecido (Barbaglio, 1981).

“*Vai por tua conta...*” Abrão escutou a promessa e obedeceu, permitindo o encontro da atividade com a capacidade de se entregar. Ele se deixou mover e se colocou em movimento, em um ato de fé, sendo que isso o colocou na condição de amar e ser, ao mesmo tempo, amado.

O *ainda-não-realizado* e o realizado que continua se realizando

Na língua hebraica, existe um modo verbal, o imperfeito, que pode se referir a qualquer período de tempo. Pode corresponder ao pretérito imperfeito italiano, mas também ao presente e ao futuro, indicando que a ação não foi realizada completamente, não foi concluída. De fato, o verbo não possui a prioridade de situar uma ação na sua precisa condição histórica temporal, mas de assinalar a condição da ação, indicando se ela foi realizada ou ainda não. É isso que conta. O tempo, até mesmo na repetição cíclica das estações, dos anos e das vidas, é um tempo linear e orientado: olha para frente, para o futuro, para a realização.

Cada língua está enraizada no inconsciente, um lugar comum e compartilhado, presente e desconhecido, sendo que tanto a gramática quanto a sintaxe que a compõem podem indicar os afetos que a geram (Fornari, 1979) e, ao mesmo tempo, através da ferramenta linguística, são capazes de encontrar um espaço para se tornarem palavra e ação transformadora.

Provavelmente lá onde o verbo demonstra que a ação não foi concluída encontra-se indicado o espaço da nossa participação, espaço este aberto para a responsabilidade humana, para a nossa livre colaboração criativa, mesmo que imperfeita, voltada à transformação do mundo. Talvez a língua que utilizamos dê voz, através das relações com o inconsciente nas quais é gerada, a um saber tanto inato quanto transmitido, pelo qual somos habitados e falados, também sem o nosso conhecimento (Fornari, 1979).

Essa língua fala do nosso estar no mundo em uma condição suspensa, de finitude orientada ao infinito, em um fluir temporal entre já e ainda-não, entre ser e ainda não ser, este ainda não ser que representa o nosso verdadeiro ser vital, aquele ainda-não que confere um valor real à nossa esperança (Bloch, 1954-1959).

Às vezes, medito sobre dois versículos do Evangelho de João “E o Verbo

Lidia Leonelli Langer

se fez carne, e habitou entre nós” (João 1, 14-15 [A.A.V.V, 2009b]), sendo que, em grego, o verbo *habitar* está relacionado à palavra *tenda*, aludindo à *tenda* que, durante o êxodo, simbolizava a Presença do Senhor, que caminhava com o seu povo. O *Verbo*, a *Palavra*, encarnou-se e entrou na humanidade. Trata-se de um Acontecimento realizado, mas, ao mesmo tempo, podemos acreditar que o *verbo* feito carne continua, *se assim se pode dizer* (De Benedetti, 2009), habitando conosco no presente, uma vez que pôs a tenda entre nós, e continua habitando no *ainda-não-realizado*, para que possamos nos dirigir e alcançar a completude. Daqui surge a nossa tarefa de escutar, contar e agir.

Assim, nós tendemos para o Absoluto, mesmo estando conscientes de que “o nosso é, e sempre será, um gaguejar” e que as nossas palavras imprecisas “possuem a fraqueza da nossa frágil tenda. A tenda oferece hospitalidade ao mistério, mas reconhece também o pobre tamanho das suas lonas” (Casati, 2009, p. 47)⁵.

Tempo e espaço

Tempo e espaço são categorias do ser finito, retalhos mensuráveis do incomensurável, ambos convencionais e relativos, mas necessários para nos atribuir fronteiras.

O tempo, do grego *temno* (corte), é um retalho de infinito no qual se desenvolve a ação e a vida, sendo também o espaço, um retalho, lugar dos nossos passos, o qual pode ser estendido, mas permanece sempre limitado.

Precisamos de fronteiras, ver o fim para viver (Corsa, 2015). Contudo, cada um de nós *sabe* o infinito, vai ao seu encontro, o procura. Não apenas como não-realizado, mas também como realização, algo sem fronteiras, sem espaço e sem tempo.

Na Bíblia, o fluir do tempo é ditado pela lembrança e pela comemoração de determinados acontecimentos históricos, os quais, através das festas litúrgicas, irrompem como momentos especiais de graça, *kairoi*, em que passado, presente e futuro encontram-se em uma nova dimensão de pertencimento a um projeto salvífico. Nestes momentos, não existe um antes ou depois: passado e futuro são atualizados no presente (Rota Scalabrini, 2006-07) e a humanidade tenta captar a eternidade no instante (Bloch, 1954-59).

A palavra *infinito* conduz, assim, a muitos significados. O encontro com o infinito evoca emoções e transporta afetos. Suscita exultação e euforia, mas

⁵ N.T.: Todas as citações foram traduções livres, exceto nos casos em que a tradução consultada for explicitamente referenciada em nota de rodapé.

também desorientação, senso de pertencimento ao todo e profunda solidão, além de contato com o universo e vertigem.

Ao virmos ao mundo, saímos da confortante fronteira da tenda do ventre materno, lugar em que vivíamos paradoxalmente imersos em uma totalidade inconsciente sem fronteiras. Exilados, expulsos do útero (*ex-ilio*), começamos a experiência do *estar fora do lugar* (Levi Della Torres, 1995), estar em êxodo, em diáspora. Em nossa pequenez, fragilidade e impotência, procuramos, por meio da relação com quem nos socorre e nos salva, construir as fronteiras de nós mesmos, necessárias para encontrar o lugar a partir do qual ir sempre além e participar, como pessoas, do jogo (Winnicott, 1971) da vida.

A esperança é uma corda

É nesta dimensão de finitude e infinito, de separação e presença, que se coloca a esperança, sendo ela uma experiência e um movimento da alma que faz convergir para o ponto em que infinito e finito se encontram.

Na Bíblia, diversos verbos são utilizados para indicar o ato de ter esperança, e a eles correspondem substantivos que indicam a esperança, às vezes relacionada à confiança e ao abandono confiante, outras à busca de abrigo, à espera, à constância e à paciência, mesmo nas dificuldades (Rota Scalabrini, 2006-07).

Um verbo com frequência utilizado na língua hebraica é *qwh* (cauha): ter esperança, tender para, com o substantivo correspondente *qaw* (corda) e *tiqwah* (esperança). Indica o estar em tensão, voltados para algo, mantendo no coração (do latim: *cor*; *cordis*) as boas experiências, presentes e passadas, das quais guardamos memória e re-cordação.

Tanto a esperança individual quanto a coletiva estão enraizadas na relação de confiança, apoiando-se na promessa do Senhor de estar sempre presente, de caminhar junto. Estão ligadas à segurança de estar conectado a alguém que nunca nos deixa sós, que sempre lembra da promessa à qual se mantém fiel: esta é a corda em que nos seguramos, para nos mantermos firmes, mas também para pensar que podemos ser libertados nos momentos mais sombrios, quando nos sentirmos como se estivéssemos em um poço sem água.

Em Zacarias (9, 11-12 [A.A.V.V., 2009b]), lemos: “[...] libertei os teus presos da cova em que não havia água. Voltai à fortaleza, ó presos de esperança!”. Erri De Luca (2007) sugere a seguinte tradução, “Voltai à fortaleza, prisioneiros da corda”, relembrando a imagem de “uma libertação de prisioneiros materialmente soltos dos vínculos”, e acrescenta: “Para mim, é bonito que a esperança tenha uma

Lidia Leonelli Langer

alma de corda (...), embora nem sempre mostre a sua fibra de cânhamo torcido, resistente” (p. 31).

Miqweh (Esperança) é um título atribuído a Deus, poço e fonte de água viva. Quem o abandona, fica árido, na poeira e no desespero, o qual está sempre à espreita.

Um vaso vivo

Ninguém viu Deus. No entanto, cada um encontra escrita, no próprio corpo, a experiência de pertencimento ao infinito futuro em transformação, vivenciada no ventre materno.

O vínculo primordial, a primeira corda que cada um de nós experimenta, é aquela de carne e sangue do cordão umbilical, conexão de vida no poço da mãe. Ela é a primeira a ter esperança enquanto está à espera, por si e pelo filho que ainda não conhece, é ela quem *ad-tende*⁶ primeiro.

Não é por acaso que outro verbo hebraico que significa *ter esperança* (*bth*) diga respeito a sentir-se seguro. Ele parece estar relacionado, do ponto de vista etimológico, a um substantivo que significa *cocomero* [melancia] na língua hebraica e *jumenta grávida, prenhe*, em árabe (Rota Scalabrini, 2006-07). Tal esperança possui uma conotação positiva se for dirigida ao Senhor, no qual nos sentimos seguros, ao passo que é considerada insuflada e falaciosa se estiver se referindo ao homem que confia exclusivamente nas próprias forças. *Melancia, jumenta, abrigo, poço*, todas são palavras que evocam a vida intrauterina, experiência primária que cada pessoa faz do infinito (Fornari, 1984), um lugar no qual cada um é aguardado e esperado antes de saber aguardar e esperar. Nela estão enraizadas a fé na existência do bem e a esperança de poder reencontrá-lo depois, fora do útero.

A *Spes* romana é representada como uma jovem mulher segurando na mão direita um botão de flor, ou um passarinho, enquanto com a outra levanta um pouco o vestido, tornando visível o impulso do passo.

Nas representações dos primeiros cristãos, ela parece com uma âncora, uma segurança diante das turbulências marítimas. Mais adiante, ela é ilustrada como a mulher que segura uma âncora e uma corrente quebrada, símbolos de atracar no porto e de liberdade.

Eu a imagino como uma mulher grávida, de quem se enxerga o ventre, continente de um conteúdo escondido e presente, simultaneamente conhecido e desconhecido, amado mesmo sem ser visto, que vai se formando e se preparando

⁶ N.T.: Em italiano, *attendere* significa “aguardar”, por isso o jogo com a palavra *ad-tende* no texto.

para a vida. Um conteúdo que dilata o continente e que o transforma (Bion, 1963) enquanto se encarrega de preenchê-lo.

Esperança é a contemporaneidade de continente e conteúdo, de ativo e passivo, de quem aguarda (*ad-tende*) e é aguardado (*ad-teso*), não existindo um sem o outro, aliás, um também é o outro.

Isto é o que os vasos usados para ritos nupciais e fúnebres parecem igualmente contar, vindos de tempos longínquos, de culturas muito diferentes. Pias em formato de cone, com bocas abertas, para transvasar o conteúdo de que estavam preenchidas, assim como vasos bojudos em terracota em formato de ventre, em cujo interior, ao fundo, estão pintados centros e úteros, falam concretamente de uma experiência de vida, escondida, recebida e dada, contida e transmitida a partir de um útero, sendo ela mesmo útero (Cavicchi, 2010).

Esperança e desespero

O nascimento, protótipo de qualquer exílio, constitui a *catástrofe primária* que provoca aquele “desespero originário” (Fornari, 1985, p. 4), do qual provêm outros desesperos. De fato, ao vir à luz, não apenas perdemos um mundo, mas, ao mesmo tempo, começamos a caminhar em direção à vida e à morte, na absoluta impossibilidade de separar os opostos. Porém, dentro deste paradoxo originário – e talvez graças a ele –, o Eu sobrevive, se estrutura (Vecchio, 2016) e, a partir dele, desenvolve-se a vida. Cada mãe sabe disso, mesmo não pensando a respeito, e, apesar de tudo, consegue se tornar instrumento de vida. Não se deixa tomar por um antigo desespero, mas segue adiante, nos rastros da própria esperança enraizada no fato de ter estado, por sua vez, no útero (Leonelli Langer, 2017). A sua resposta de consolação e socorro ao grito do filho, com o desejo e o prazer de estar com ele, conferindo sentido às pequenas coisas cotidianas, desempenha o “papel específico de confirmar a confiança inata do bebê” (Fornari, 1985, p. 7) e a sua capacidade de ter esperança. A voz da mãe, junto à do pai, é o fio de Ariadne que ajuda o bebê a não se sentir perdido, dando continuidade entre o dentro e o fora, ao mesmo tempo em que indica o caminho na vida. O seio é um dom que permite sobreviver porque, quando é oferecido para alimentar, confirma a presença do bem conhecido no útero e renova a esperança (Fornari, 2005).

Talvez seja durante o trabalho de parto que, na fronteira entre dois mundos, na dor da separação e da impotência, onde há quem tem esperança no lugar de quem ainda não tem, nasce a capacidade de nos voltarmos, através da busca de

Lidia Leonelli Langer

uma saída, para algo que ainda não se conhece. Provavelmente é lá que nasce, também, a utopia, o lugar que ainda não existe, que constitui o sonho do futuro, que faz deslocar as nossas fronteiras cada vez para mais longe.

Reorganizar a esperança

Quando a esperança se cala, então o desespero, a resignação, o desconforto e a apatia parecem ocupar qualquer espaço interno, como se estivéssemos em um poço ressecado, em um lugar sem amor, sem saída. Assim, a vida pode tornar-se um inferno, um deixar-se morrer cotidiano, talvez na tentativa desesperada de suscitar uma resposta de amor que saiba reconduzir a esperança às suas fontes, recolocando em movimento a experiência originária.

Desta forma, é preciso *reorganizar a esperança* através de uma *ignição da alma* (Fornari, 1985), algo que possa iluminar no desespero e saiba criar uma brecha. Isso acontece por meio da experiência de sermos socorridos e cuidados, mas, em especial, de sermos amados. Também pode ocorrer através da experiência do amor de transferência (Bonazzi, 2015), que se desenvolve na relação com o outro, testemunha da possibilidade de permanecer vivo até mesmo no meio do sofrimento. Ativa-se, assim, um sonho compartilhado, que alimenta o senso de confiança na vida em si. Neste sonho, a realidade aprisionante e de sofrimento, que está sendo vivida, é simbolizada como um trabalho de parto, percurso dolorido, mas de nascimento. É o que confere sentido ao mal, que não parecerá mais absoluto e inútil, pois estará acompanhado por uma promessa de vida. Desta forma, cada momento de paz, como acontece entre uma contração e outra, será captado e vivenciado para recuperar o fôlego e alimentar a esperança e a fé na vida.

Afinal, a vida inteira é um trabalho de parto em que vida e morte são incidíveis. É necessário que cada mudança, que sempre suscita angústia, quando for transformadora, seja simbolizada como nascimento (Leonelli Langer, 2005), sendo preservada e acompanhada com ansiosa e tenra maravilha na sua manifestação, como se fosse um pequeno rebento de erva (De Benedetti, 2009). É igualmente preciso que cada instante de bem, mesmo breve, seja visto, captado e compartilhado (Leonelli Langer, 2002) com a disposição de alma de quem, capaz de manter presente o futuro e de testemunhá-lo, guarda em si – até a morte – o prazer e o amor da vida. *Que a morte me encontre vivo*, desejava Winnicott, e nós desejamos com ele (Gaburri, 2009).

O acontecimento

O nascimento, embora desejado e aguardado, sempre suscita também um senso de angústia. Apesar de todas as informações à nossa disposição, nunca se sabe antes, com exatidão, como será a pessoa que, através do *feliz acontecimento*, chegará ao mundo. A angústia genética (Fornari, 1981) que acompanha qualquer projeto e mudança, fazendo temer um fracasso, testemunha que, no inconsciente, vivenciamos a dimensão de imprevisibilidade inerente ao futuro. O que acontecerá, se for realmente portador de novidades, nunca poderá coincidir com o esperado.

O pensamento de Derrida (1994), aprofundado através da leitura feita por Di Martino (2009, 2012, 2016), abre, a partir deste ponto, perspectivas de amplo respiro. Ele fala do acontecimento: aquilo que, imprevisto e imprevisível, vai além de qualquer espera e além do possível. A chegada do outro, embora aguardada, também é um acontecimento: trata-se da chegada do impossível, da surpresa absoluta, que irrompe, encontra-nos desprevenidos e perturba os planos. Pedindo para ser acolhido para além da capacidade de acolhimento e para ser recebido onde ainda não há possibilidade de receber, esta chegada impõe e realiza transformações.

O outro é o acontecimento, o *chegante* que participa do mesmo paradoxo do vivente e da vida. Aliás, o *chegante* absoluto que irrompe imprevisível, pedindo para ir além, talvez seja a vida mesma, em que vida e morte, possível e impossível, são indissolúveis. A vida que nos encontra desprevenidos e em relação à qual vivemos uma condição de perene prematuração.

A realidade da própria vida é um acontecimento contínuo que mantém suspenso o desejo de compreensão e nos pede para abrimo-nos ao *ad-vir* em uma condição de espera sem espera, de espera nua, sem horizonte, em uma vulnerabilidade hospitaleira, em uma impotência absoluta repleta de potencialidade.

Permanecer vivos pede para nos expormos, para derrubar as nossas defesas e proteções, dispostos ao risco de mudanças, expostos ao pior e à morte, sem a qual não há vida (Di Martino, 2009, 2012, 2016).

Esperança e responsabilidade

Se tentarmos colocarmo-nos na posição de ativa passividade que caracteriza a condição da mulher grávida, orientada para a hospitalidade absoluta, se captarmos o *outro chegante* contido em cada momento, pessoa e acontecimento, e se nos permitirmos viver o paradoxo da vida, então nos colocamos na condição de viver

Lidia Leonelli Langer

a esperança, *dimensão possível e impossível*, a qual, na sua nudez exposta, torna-se energia cinética, dinamismo, movimento, força criadora (Barbaglio, 1981).

A esperança acende um sonho do qual somos chamados a fazer parte, em uma dimensão de responsabilidade.

É necessário arriscar ter esperança. É necessário ter esperança para arriscar.

É exigida coragem para viver, pensando o impossível como possível e tentando fazer o impossível. Segundo Derrida (1994), responsabilidade significa exatamente tentar fazer o impossível.

São exemplos disso algumas experiências de vida que habitam no paradoxo, tais como a hospitalidade, a amizade, o dom e o perdão. De fato, somente existe perdão se for perdoado o imperdoável, o inexpiável.

Também o dom, considerado de mais fácil atuação, beira o impossível, pois exige intencionalidade por parte do doador, mas, ao mesmo tempo, uma vez que um dom existe somente se nada for recebido em troca, nem reconhecimento, gratidão ou autocondescendência, é necessário que nem quem dá e nem quem recebe seja consciente disso. É preciso que ocorra simplesmente, de forma imprevisível, gratuita, ocasional, involuntária e livre (Di Martino, 2009, 2012, 2016).

Trata-se de um desafio para qualquer um. Mas não é *impossível* para quem se coloca vulnerável e indefeso em relação ao outro, em condição de passiva atividade e hospitalidade absoluta, aberto para aquele infinito que é, simultaneamente, incompletude e antecipação de completude.

Talvez esta disposição da alma, semelhante à suspensão sugerida por Bion (1970), capaz de aguardar e de tolerar a incompletude, tenha a ver com a esperança, movimento da alma que nos engaja no jogo e na luta da vida, tornando possível o impossível. □

Abstract

To hope: the future present

This work treats hope as an active and at the same time passive mood of the soul, focused in accomplishing something and welcoming an unknown future, yet present as potentiality. It places hope close to the position of the active passivity in pregnancy, in which there is an expectation of absolute hospitality. At the same time, it also brings it close to the position of passive activity of the intrauterine condition, the primary experience of infinity in the finite, in which the contained transforms the container, and it is expected before having learned to expect. Latin

and Hebrew verbal forms, as well as verbs and nouns of Biblical Hebrew referring to the act of hoping, seem to reveal this suggestive direction. The experience of despair is instead connected to the condition of exile, to birth as being expelled of the uterine container. To be overcome, it requires the intervention of a rescuer who helps with its presence to reorganize hope and, through it, to find the possibility of vital action. Hope, which sustains responsibility, leads to free and creative collaboration in life.

Keywords: Hope; Active passivity; Container-contained; Future-present; Accomplished-not yet accomplished; Intrauterine life-pregnancy; Creative responsibility; Despair-exile; Affective semiosis

Resumen

Esperanza: el futuro presente

Este trabajo vincula la esperanza a un estado de ánimo activo y pasivo al mismo tiempo, dirigido a lograr un objetivo y acoger un futuro que no se conoce, pero que ya está presente como potencialidad. La acerca a la posición de pasividad activa de la condición del embarazo, en la que hay una espera orientada para la hospitalidad absoluta. Al mismo tiempo, también la acerca a la posición de actividad pasiva de la condición intrauterina, la experiencia primaria del infinito en lo finito, en la que el contenido transforma el contenedor y en la que uno espera antes de saber esperar. Formas verbales latinas y hebraicas, así como los verbos y sustantivos del hebraico bíblico que se refieren al acto de tener esperanza, parecen vislumbrar esta sugerente dirección. En cambio, la experiencia de la desesperación está relacionada con la condición del exilio, con el nacimiento como expulsión del contenedor uterino. Eso requiere, para ser superado, la intervención de un socorrista que ayude con su presencia a reorganizar la esperanza y, a través de ella, encontrar la posibilidad de una acción vital. La esperanza, que sustenta la responsabilidad, conduce a una colaboración libre y creativa en la vida.

Palabras clave: Esperanza; Pasividad activa; Contenido/contenedor; Futuro/presente; Logrado/aún no logrado; Embarazo/vida intrauterina; Responsabilidad creativa; Desesperación/exilio; Semiosis afectiva

Lidia Leonelli Langer

Referências

- A.A.V.V. (2009a). Vangelo secondo Giovanni. In *La bibbia di Gerusalemme, Nuovo testamento*. Bologna. EDB: Centro Editoriale Dehoniano
- A.A.V.V. (2009b). Zaccaria. In *La bibbia di Gerusalemme, Antico testamento*. Bologna. EDB: Centro Editoriale Dehoniano.
- Barbaglio, G. (1981). *La speranza nella Bibbia*. Relazione, Verbania Pallanza, 28 febbraio-1 marzo 1981, www.finesettimana.org/pmwiki/?n=Db.Sintesi?n=5.
- Bion, W. R. (1963). *Gli elementi della psicoanalisi*. Roma: Armando, 1979.
- Bion, W. R. (1970). *Attenzione e interpretazione*. Roma: Armando, 1973.
- Bloch, E. (1954-59). *Il principio speranza*. Milano: Garzanti, 2005.
- Bonazzi, M. (2015). La questione del sentir-si. Heidegger e la psicoanalisi. *Riv. Psicoanal.*, 61: 985-1006.
- Casati, A. (2009). *Sussulti di speranza*. Milano: Ancora.
- Cavicchi, I. (2010). *La bocca e l'utero: antropologia degli intermondi*. Bari: Dedalo.
- Corsa, R. (2015). Spes, ultima dea. In R. Corsa, & L. Monterosa, *Limite è speranza. Lo psicoanalista ferito e i suoi orizzonti*. Roma: Alpes.
- De Benedetti, P. (2009). *Il filo d'erba*. Brescia: Morcelliana.
- De Luca, E. (1997). *Alzaia*. Milano: Feltrinelli, 2007.
- Derrida, J. (1994). *Essere giusti con Freud. La storia della follia nell'età della psicoanalisi*. Milano: Raffaello Cortina.
- Di Martino, C. (2009). *Figure dell'evento. A partire da Jacques Derrida*. Milano: Guerini.
- Di Martino, C. (2012). L'evento e il vivente. In: Jaques Derrida. *Dialegesthai. Rivista telematica di filosofia*. Recuperado de <http://mondodomani.org/dialegesthai/>
- Di Martino, C. (2016). "Essere giusti con Freud": Derrida interroga il pensiero freudiano. *Seminario al Centro Milanese di Psicoanalisi*, 11 febbraio 2016.
- Fornari, F. (1979). *I fondamenti di una teoria psicoanalitica del linguaggio*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Fornari, F. (1981). *Il codice vivente*. Torino: Bollati Boringhieri.
- Fornari, F. (1984). *La riscoperta dell'anima*. Bari: Laterza.
- Fornari, F. (1985). *Affetti e cancro*. Milano: Raffaello Cortina Editore.
- Fornari, F. (2005). Il sogno durante la poppata e il transfert onirico. *Rivista di Psicoanalisi*, 51: 191-199.
- Gaburri, E. (2009). Commento al filmato "Around the End". *Serata intercentri. Centro di Psicoanalisi Romano*, 25 settembre 2009.
- Leonelli Langer, L. (2002). Il filo della speranza. *Riv. Psicoanal.*, 48: 193-203.

- Leonelli Langer, L. (2005). Riorganizzare la speranza. In AA.VV., *Conflitti, affetti, cultura*. Milano: Quaderni del Centro Milanese di Psicoanalisi.
- Leonelli Langer, L. (2017). Diventare madre: un percorso lungo tutta la vita. In F. Borgogno.
- Levi Della Torre, S. (1995). *Essere fuori luogo*. Roma: Donzelli Editore.
- Maggioni G. (a cura di). *Una mente a più voci. Sulla vita e sull'opera di Dina Vallino*. Milano: Mimesis
- Piazzino C., Fragonara, A. (1985). *Humanitatis magistra. Corso di lingua latina. Volume primo: grammatica*. Torino: Paravia.
- Rota Scalabrini, P. (2006-07). *Israele in attesa del futuro. Lineamenti dell'escatologia profetica*. Facoltà Teologica dell'Italia settentrionale. Corso Specializzazione in Teologia Biblica, aa. 2006-2007.
- Vecchio, S. (2016). Breve nota introduttiva alla relazione di Carmine Di Martino, “*Essere giusti con Freud*”: *Derrida interroga il pensiero freudiano*. Seminario al Centro Milanese Psicoanalisi, 11 febbraio 2016.
- Winnicott, D.W. (1971). *Gioco e realtà*. Roma: Armando Editore, 1974.

Recebido 17/12/2019

Aceito em 04/03/2020

Tradução de **Patrizia Cavallo**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Elena Beatriz Tomasel**

Lidia Leonelli Langer

Via Vigevano 10

20144 – Milão – Itália

lidia.leonelli@gmail.com

© *Lidia Leonelli Langer*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA